

O Comboio

Acordou lentamente, pesado. Deu por si num comboio, não sabia como lá tinha chegado. Apercebeu-se, primeiramente, do cheiro que emanava da carruagem. Era-lhe estranho. Ou era familiar? De alguma forma, era ambos. No fundo ouviu o rádio de passagem: «40 mineiros mortos em desabamento catastrófico». À sua frente um homem de negro assobiava uma melodia alegre.

- Desculpe, qual é a próxima paragem? – perguntou-lhe, desejando sair dali.
- O comboio não para – respondeu-lhe este, entre agradáveis assobios – o comboio nunca para.

Levantou-se e começou a vaguear. A carruagem era grande e tinha quase todos os lugares ocupados. Encontrou-se ao lado de um homem de cabelo loiro. Este lia o jornal, segurando-o com as suas mãos calejadas. Olhava para um artigo sobre os tais 40 mineiros.

- É uma pena – exclamou – devem ter sido grandes homens! Morrer no trabalho... não está certo, não senhor. Podiam ter estado em casa, com pessoas que os amam, mas não tiveram essa sorte. Se há uma certeza na vida é o trabalho, meu rapaz. Perturba-me que essa certeza se sobreponha ao único objetivo de qualquer um: morrer feliz.

O senhor que estava sentado à sua frente, que possuía uma longa gabardina, mostrou-se incomodado e juntou a sua voz à conversa:

- Morrer feliz? Que interessa isso? É como comer mal, mas dar-se por satisfeito com a uma boa sobremesa... Eu só quero é aproveitar cada dia e não me arrepender mais tarde. Raios, se o objetivo é morrer feliz por que motivo é que sonhamos à noite? Se os sonhos não são um sinal da nossa alma para cobiçar felicidades durante a vida, então não sei o que são.
- Mas não é verdade – continuou o indivíduo de cabelos de ouro – que, em tantos desses sonhos, morremos abruptamente? Isto para não nos esquecermos do propósito da existência.
- Deixe-me contar-lhe uma história: o meu avô, abençoada seja a sua alma, cresceu num ambiente difícil, trabalhava no duro todos os dias numa mina, tal como o seu pai fez, o seu filho viria a fazer e eu também me juntei à tradição.

Ele era como você, acreditava que só encontraria felicidade com um final feliz. Pouco fez na vida para além do seu dever. Constituiu família e viveu na mesma sempre na mesma casa. A sua única paixão era uma antiga árvore no quintal que, segundo ele, só dava frutos de 50 em 50 anos. Nunca teve preocupações com a sua saúde e, certo dia, começou a tossir sangue. Mas nem quis ouvir falar de ir a um médico ... não quis, pois a sua árvore ... estava prestes a dar frutos.

Estava eu a brincar no quintal quando dou por ele deitado no chão a olhar para cima, a contemplar os frutos. Belos frutos eram, isso reconheço. E ele sorria... mas também não se mexia. Lentamente o sorriso murchou. O funeral foi mais tarde nessa semana. Nunca me hei de conseguir esquecer do desvanecimento daquele sorriso. A minha avó encontrou conforto na sua expressão... eu não. Apenas encontrei arrependimentos.

Desinteressado pela conversa e ouvindo os belos assobios do homem de negro, regressou ao seu lugar. Após uns momentos, questionou-o:

- Desculpe-me, mas eu por acaso não lhe disse para onde ia antes de adormecer?
- Deixe-me pensar... - o homem olhava para cima, pensativo, como se sentisse obrigado a saber a resposta - Ah, sim! Você falou em visitar a sua mãe.
- Suponho que seja possível... Só mais uma coisa, não lhe parece esta carruagem peculiar? Este ambiente quase mórbido, este ar estagnado, só para não mencionar este cheiro?
- Muitos pensam o mesmo que você, com efeito – respondeu o homem, com um leve sorriso na cara – contudo, já vi pior... muito pior. Enfim, não interessa, porque não vai passear um bocadinho? Há muito para se aprender aqui.

Estranhamente, sem qualquer razão, decidiu seguir este conselho. Enquanto andava, pensou na sua mãe e no porquê desta visita. De passagem, ouviu um senhor com uma boina a conversar com um outro indivíduo com uma camisola de manga rasgada. Falavam acerca dos 40 mineiros. O senhor da boina ia dizendo ao outro:

- Já ouviu que um destes mineiros era veterano da 2ª Guerra? Muito respeito tenho eu pelos soldados. A vida de soldado é uma das mais cruéis que

existem e tendo em conta a natureza humana, sempre haverá necessidade de a viver. Com efeito, a única certeza na vida é o conflito.

- Não acha o senhor – começou o indivíduo com a manga rasgada – que muito se fala nas atrocidades da guerra, cuja ruindade eu reconheço, mas pouco se diz acerca da honra dos combatentes. Afinal, que maior glória pode haver que lutar pela nossa pátria, lado a lado com os nossos camaradas?
- Não há figura – replicou o outro - mais perturbada que aquela do soldado. Já pensaste que aquele que tanto luta pela nossa liberdade é o mesmo que menos liberdade tem? O soldado é forçado a entrar num campo de morte e lutar, não pelos seus ideais, mas pelos do seu governo, que nada quer saber dele. Uma ideologia alheia, a qual eles devem proteger com a sua vida?! É ridículo! Não há espaço para a individualidade, isto para além da completa traição da natureza humana de não nos matarmos uns aos outros, especialmente amigos. Deixa-me lembrar-te de algo que poucos mencionam: durante a 2ª Guerra Mundial, várias forças se juntaram para combater os nazis, entre elas os americanos e os russos. Ambos na mesma trincheira, com os mesmos objetivos. Companheiros, aliviados pela presença uns dos outros, festejando as suas vitórias, confiando uns nos outros com a própria vida. Dois anos depois começou a Guerra Fria... Colocados em lados opostos, agora rivais com receio de avistar as pessoas que há tão pouco tempo chamavam parceiros. E pensas que o ódio imenso para querer matar cresce em alguém só por uma pessoa qualquer lhe dizer que o deve fazer? Claro que não. Estes homens estavam a matar amigos, companheiros da mais traumática experiência das suas vidas. Fizeram-no pois não tinham alternativa e certamente, cada um deles, se arrepende eternamente de cada parceiro que assassinaram. Assim é a nossa sociedade de conflito interminável, onde se tira a vida a quem protegeu a nossa, porque assim nos foi dito.

Não compreendia o porquê destas complexas conversas. Voltou para o seu lugar. O homem de negro parecia entretido.

- Ah, interessante como somos todos filósofos quando nos deparamos com o inexplicável – comentou o homem – então e o senhor, necessita de algum esclarecimento? Já fiz esta viagem muitas vezes, posso ajudá-lo.
- Sim – respondeu este – este cheiro. Não consigo percebê-lo. Conheço-o, sei que sim, mas não consigo dizer de onde.
- O cheiro, sim. Não é o primeiro a queixar-se dele, com efeito. Gosto de deixar as pessoas aperceberem-se do que é por si mesmas... Peço desculpa por isso, não tem, por ventura, uma outra questão?
- Todas estas conversas sobre a vida e tudo mais, não estranha nada disto?
- Já ouvi muitas coisas neste comboio, muitas teorias para tudo. Sim, há quem tente explicar tudo com certezas como o trabalho, a humanidade, o conflito, a glória. Todos se enganam, contudo. A vida tem uma certeza, companheiro, apenas uma: a morte. E podes fazer as danças que quiseres, as brincadeiras, as guerras, mas a morte não é um buraco que saltes por cima, é um abismo sem fundo. Gosto de pensar na vida como uma distração, com os seus luxos e ilusões. Ah, mas no fim somos todos iguais. Uma sociedade perfeita, na verdade, sem preocupações, conflito ou obrigações. Não soa isto incrível? O único sítio onde podemos conversar com todos aqueles que já viveram, a maior das liberdades. Realmente, nascemos quando morremos. Oh, parece que estamos a chegar! Raios, este comboio nunca para.

Com um arrepio a trepar-lhe as costas como uma serpente fria que se dirige para o pescoço, saiu da carruagem. Tinha as mãos poeirentas. Sempre as teve. Sentou-se num banco ao lado da paragem e começou a contar os passageiros.

- ... trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove – o seu coração batia no seu peito com uma força incomparável quando olhou para si próprio e contou, tremendo:
 - Quarenta...

Lembrava-se agora, olhando para as suas mãos com pó. Lembrava-se de tudo. Lembrava-se do cheiro. Sentira-o no funeral da sua mãe. A mãe que era suposto visitar. E de facto, visitaria. Sentia-se estranhamente leve. Olhou para trás e avistou o homem de negro a voltar a entrar no comboio, que partia. De facto, essa era a única certeza que tinha, que aquele comboio não para!